

Tamar e Muhamed

ESTRONDOS. Gritos. Fugas desesperadas. Eram as lembranças mais vivas. Lembranças para fazer chorar.

Mas havia outras. Mais profundas. Não ferindo os nervos, mas firmando raízes fortes no seu mundo íntimo. Aquelas, faziam-na chorar, à noite, com medo. Estas apagavam esses medos e traziam-lhe de volta o riso e a alegria, mal o dia despontava.

Assim nasceu e crescia Tamar.

Entre bombardeios, sustos. E o *kibutz*.

No *kibutz*, aprendeu cantos bonitos, nomes de flores, o prazer de trabalhar e ser útil.

Desde seus primeiros dias de vida, acostumada ao som doce da voz de sua mãe, cantando canções que jamais seriam esquecidas. O pai, risonho e indiscutivelmente a coisa mais bela em sua vidinha de tão poucos anos, ensinava-lhe verdades sobre sua gente, seus avós e os avós de seus avós. Um desfilar de lutas e sofrimentos. Que plantaria tristezas no pequeno coração de Tamar, se tudo não fosse amenizado por

uma fé e uma esperança que abrandavam os idos e faziam promessas para o porvir.

A menina aprendeu cedo a trabalhar a terra. Assistir ao milagre do nascimento de uma planta, ajudando-a em sua luta para sobreviver. A dar valor a tudo que a generosidade da terra acedera em dar ao seu povo, depois de muita luta contra a aridez de um solo pobre. Aprendera a amar os livros e a natureza. Desde os vermes, que alimentavam aquela terra, até as aves, os animais de todos os tipos, que não só serviam como amavam o ser humano que os tratasse com bondade. Aprendera a enfrentar os perigos e as dificuldades com a força e a perseverança que aprendera da mãe e assistira no pai.

— Você deve se orgulhar e crer em você mesma, nos seus pais, em sua gente. Esse orgulho e essa crença é o que tem sustentado nosso povo contra tudo e contra todos.

— E Muhamed? Ele também deve sentir esse orgulho?

O pai e a mãe trocavam um olhar, um pouco confusos.

— Muhamed é árabe, meu bem. Por que não procura um amiguinho judeu como nós?

— Qual é a diferença?

A resposta não a satisfazia.

— Temos outra religião. Falamos língua diferente da dele. Acreditamos em coisas diferentes.

— Muhamed também acredita em Deus, ele me disse. Fala hebraico. Eu ensinei. Eu também já sei falar árabe. E gostamos e acreditamos nas mesmas coisas.

Os pais não sabiam como fazê-la compreender. A capacidade adulta é muito pequena, nessas horas, para a grandeza da lógica infantil.

— Nós estamos em guerra com os árabes, filhinha.

— Mas por quê?

— Por quê? Sim... por quê?

A mãe tentava ainda explicações insatisfatórias, mas o pai desistia.

— Eu gosto de Muhamed. Ele é meu irmão. Não tem nenhuma irmãzinha e combinamos que seremos irmãos. Eu também não tenho irmão.

O garoto árabe, que morava do outro lado do Jordão, também pensava como Tamar.

Sempre que possível, fugia para vir brincar com a amiguinha. Depois, junto às outras crianças de sua raça, transmitia o aprendido com ela, sobre as flores, as plantas, os animais. E isso lhe dava prestígio com a sua turma.

Os pais de Muhamed ignoravam tudo isso.

O pai, pelo menos. Fanático exaltado, que não suportava seus vizinhos judeus.

Já a mãe, essa, fingia não ver e não compreender as fugas de Muhamed, para poupá-lo das iras paternas.

Tamar e Muhamed encontravam-se sempre à mesma hora.

— Meu pai disse que vocês são inimigos nossos e muito maus.

— Você é meu inimigo, Muhamed? Você me acha má?

A vizinha que pronunciava seu nome com tanta doçura jamais poderia ser de uma inimiga.

— Eu não. Mas meu pai disse que é porque estamos em guerra.

Pensativos, tentavam entender os motivos da guerra dos adultos.

— Você gosta da guerra, Muhamed?

— Não sei como é sem ela.

— Você gostaria de lutar contra mim? Matar minha gente?

O menino vacilava. Se o pai estivesse perto,

diria que sim. Que seria um soldado valente para matar todos os judeus da terra. Mas o pai estava longe. Por isso, não precisava mentir.

— Não. Eu gosto mesmo é de nadar no rio, de comer tâmaras. E....

Olhou-a tímido.

— E de brincar com você.

— A mãe disse que um dia vai chegar a Paz. — Que é Paz?

— Acho que é como uma festa no *kibutz*. Só que não acaba mais. Todo mundo canta, se abraça, se beija e é feliz. Foi o que a mãe disse. Assim como uma grande festa de aniversário.

— Aniversário de quem?

— De todo mundo, ora.

— Arabes também?

— Todo mundo, Muhammed. O mundo inteiro. Não é bom?

— E quando vai ser isso?

— Não sei. A mãe me faz rezar todas as noites, pedindo que a Paz chegue logo. Meu pai disse que, se o ódio tomar conta da gente, ela chegará mais depressa.

— Paz. Engraçado, Tamar... Sabe, minha mãe, outro dia, estava chorando e eu ouvi ela dizer que ia chegar nunca.

A menina foi categórica.

— Bobagem. Meu pai diz que as coisas sempre acontecem, se a gente acredita nelas de verdade. Mas de verdade mesmo.

— Ele acredita?

— Todos nós acreditamos lá em casa. E você também deve acreditar.

— Se você acredita, eu também acredito.

— Assim, não. Minha mãe disse que ninguém

deve acreditar em alguma coisa só porque outros acreditam. É preciso acreditar de verdade, com o próprio coração. Seu coração quer a Paz?

— Quer.

— Então, acredite por isso.

— Acredito.

Passaram-se semanas e meses, sem que Tamar visse Muhammed outra vez.

Nesse meio tempo, chegou à escola a notícia de um concurso literário para crianças em todo o país. Sentiu pena que Muhammed não estivesse ali para concorrer também. Depois, achou que era melhor assim. Talvez não o aceitassem. Ele era árabe. Decidiu-se. Escreveria um poema pelos dois.

Depois, ficou muito orgulhosa porque soube que seu poema tinha sido selecionado entre os melhores. Na reunião da escola, chamaram seu nome. Estavam presentes todos os membros da comunidade.

— Seu poema foi escolhido para representar nosso *kibutz* no concurso. Será impresso num livro, que levará ao mundo inteiro a voz das crianças de Israel.

Recebeu os abraços e as palmas, os olhos presos apaixonadamente nos rostos dos pais. Realmente orgulhosa. Pela honraria. Mas, principalmente porque fazia seus pais tão felizes.

— Agora, Tamar, declame para nós o seu poema. Ela começou, a vozinha doce tomando conta de todos os corações. Pensando em Muhammed, sua voz foi se firmando. Sentia-o ali, junto dela. Sorria até para ele, porque não só fizera o poema pelos dois, como o fizera pensando nele.

O oficial olhou duro para o camponês.

— Onde achou isto?

Ali baixou os olhos, temeroso.

— Meu filho, senhor. Deram a ele. Eu descobri o menino nadando no rio e trazendo esse papel com cuidado para não molhar. Aí, desconfiei.

O oficial olhou de novo para o papel. Não entendia hebraico.

— Deve ser alguma mensagem importante. Irritou-se.

— Que audácia desses judeus fazerem um menino árabe de mensageiro! É o cúmulo! Chame seu filho!

Ali afastou-se para que Muhamed, pequeno e tímido, se aproximasse. Os olhos muito negros, arregalados, com restos das lágrimas que a surra do pai provocara.

— Quem lhe deu isto, menino?

Cerrou os lábios com força.

— Ele não quis dizer nem para mim, Excelência. Mas, por Alá, que vai contar tudo direitinho! Nem que eu tenha de...

Outro oficial, que entrava, interrompeu-o.

— Que está acontecendo aqui?

Examinava o garoto, enquanto lhe contavam o caso com muitos gestos e exageros.

Pegou o papel.

Virou-o.

— Chamem o Comandante Kemal! Pegam para vir até aqui!

O Comandante era um intelectual, homem culto. Estudara hebraico, para ver se compreendia melhor o inimigo. Diziam até que, às escondidas, escrevia poemas. O que ninguém dizia em voz alta porque poderiam duvidar de sua virilidade.

Kemal, moreno e franzino, era quase um paradoxo vivo dentro da farda. Sem ferocidade, sem imponência, olhos meigos esverdeados. Parecia mais rato de biblioteca que soldado.

— Comandante, só o senhor pode traduzir isto para nós. É uma mensagem do inimigo, que conseguimos interceptar.

— Interceptar como?

— Eles usaram este garoto como mensageiro! Veja só-que audácia!

Kemal tomou o papel. Sua pele morena foi se colorindo à medida que lia.

Aquilo encabulou os oficiais reunidos. Como podia um Comandante, reconhecidamente bravo e valente, corar com a leitura de um simples pedaço de papel?

— É assim tão grave, Comandante?

Kemal ergueu os olhos para o menino. Examinou-o por instantes. Depois, voltou a reler o papel.

Sem largá-lo, encaminhou-se para a janela, olhando à distância, para os lados do Jordão.

— Então, Comandante?

Kemal não se voltou de pronto. Quando o fez, dirigiu-se para o menino.

— Como é o seu nome?

— Muhamed, senhor Comandante.

— Você sabe o que está escrito aqui?

— O menino baixou a cabeça. E acenou que sim.

— Quem lhe deu isto?

O menino tremeu. Ergueu rapidamente os olhos assustados para o rosto do Comandante. Mas não respondeu.

— Foi Tamar, não foi?

A expressão de Kemal suavizara-se.

— Pode confirmar. Foi ela mesma?

— Como é que o senhor sabe?

Kemal sorriu.

Muhamed sentiu-se um pouco mais tranquilo.

— Ela assinou, meu filho. Estes versos são dela?

— Tamar?

Perguntaram em coro os homens da sala, imaginando um novo soldado judeu a enfrentar.

— Ela é sua namorada?

Muhammed abanou a cabeça.

— Não, senhor.

— Mas você a conhece bem? Gosta dela?

Muhammed lançou um rápido olhar medroso ao

pai.

— Gosto muito, senhor. Ela é a minha irmãzinha.

nha.

— Mentira!

Ali avançou furioso sobre o filho.

— Mentira, Excelência! Só tenho filhos homens!

Com a graça de Alá! Nenhuma menina!

Kemal segurou no ar o braço que ia espancar o

menino.

Voltou a sorrir para Muhammed.

— Como é que sabe que foi ela que escreveu

isto?

— Ela mesma me contou. Escreveu por nós dois

para a grande festa de aniversário.

— Aniversário dela? E houve uma festa?

— Não. O aniversário de toda gente.

E percebendo que não o entendiam.

— Ela é muito minha amiga. Foi ela que me

ensinou a falar, ler e também escrever em hebraico.

E eu ensinei árabe para ela.

Um dos oficiais impacientou-se.

— Mas, afinal, Comandante, que está escrito

nesse papel? É ou não é uma mensagem do inimigo?

Kemal olhou-o, firme.

— É uma mensagem, sim. Da irmãzinha de Muhammed.

Para todos nós. Árabes e judeus. Brancos e

negros. Muçulmanos, cristãos e ateus.

— Que diz a mensagem?

Kemal estendeu o papel para Muhammed.

— Você é capaz de traduzi-lo para nós, meu filho?

Com ar triunfante, o garoto olhou-o. E sorriu.

— Só você pode repetir as palavras de Tamar,

Muhammed. Porque eu... eu sinto vergonha até mesmo de dizê-las.

Muhammed, que já decorara as frases de Tamar

e aqueles versos, falou alto, sem desprender os olhos

de Kemal.

— “Quando chegar a Paz,

correremos pelos atalhos,

entre plantas e arbustos,

Muhammed e eu.

Quando chegar a Paz,

darei a mão a Muhammed,

e passearemos até o Jordão,

e juntos cantaremos,

andaremos de mãos dadas

até a terra de Guilad,

e nos alegraremos,

pois seremos amigos

para sempre,

quando a Paz chegar.”

Os homens baixaram os olhos. Kemal, comovido, voltara à janela, olhando o Jordão.

Ali, contrateito.

Os oficiais, confusos.

NOTA

— Os versos declamados por Muhammed são do livro *Minha Paz*, que reuniu trabalhos das crianças de Israel sobre o tema. Sua autora é uma garota de 11 anos — Tamar Sharon.